

## **NARRATIVAS SOBRE ABORDAGENS PEDAGÓGICAS NA DISCIPLINA BIOLOGIA (1990-2017): REIVENÇÕES DE UMA DIDÁTICA INSTRUMENTAL?**

Diego Adaylano Monteiro Rodrigues- UECE

### **RESUMO**

O objetivo desta pesquisa é analisar as mudanças e estabilidades nas abordagens pedagógicas usadas por professores de Biologia do Liceu do Ceará (1990-2017). Fundamentada em um paradigma qualitativo e inspiradas em pressupostos da pesquisa narrativa, busca-se compreender mudanças e estabilidades no currículo de Biologia a partir das narrativas de três professores aposentados e três de seus ex-alunos. Também foi utilizado a análise de documentos como diários de classe dos professores. A prática educativa desenvolvida no período analisado está condicionada a um movimento complexo, baseada na história pessoal dos docentes, na influência de políticas públicas que inseriram recursos didáticos nas escolas e de novos espaços pedagógicos como os laboratórios de Biologia. Ao longo do tempo, alguns dos professores foram tensionando suas próprias práticas de ensino, baseadas no excesso de aulas expositivas e de perspectivas acadêmicas. As novas abordagens, não foram desenvolvidas com abandono de práticas expositivas, o que implica em considerar que as inovações nesse contexto não são meras substituições de práticas.

**Palavras-chave:** Narrativas; Currículo; História do currículo.

### **INTRODUÇÃO**

Uma disciplina escolar é uma construção sócio-histórica, reflete disputas e interesses situados no tempo e espaço. Não é um produto neutro, isolado de interesses e situados apenas no fazer docente, também uma disciplina escolar não é uma mera derivação de disciplinas científicas (MARANDINO, SELLES; FERREIRA; 2009; GOODSON, 2013), desse modo uma disciplina escolar é marcada por disputas e tradições que a constituem (GOODSON 2001). Entre os elementos nucleares de uma disciplina estão seus recursos, abordagens e conteúdos (CHERVEL; 1990). Sobre as abordagens, essa também é campo de estudo da Didática, no qual o foco principal é o processo de ensino, visto como como processo multidimensional.

Neste trabalho buscamos compreender o processo de ensino no Colégio Estadual Liceu do Ceará (CELC) ao longo dos últimos trinta anos. O CELC tem grande importância histórica como escola centenária, pois é uma das primeiras escolas secundárias brasileiras, sendo a primeira escola secundária do Ceará. O objetivo desta pesquisa é analisar as mudanças e estabilidades nas abordagens pedagógicas usadas por professores de Biologia do Liceu do Ceará (1990-2017).

### **METODOLOGIA**



XXII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Esta pesquisa fundamenta-se em um paradigma qualitativo (BAUER; GASKELL, 2014). Trata-se de uma pesquisa sobre história do currículo inspirada em pesquisa narrativa na perspectiva de Clandinin e Connely (2015) e nos estudos de Goodson sobre narrativas (GOODSON, 2015). Para tal foi utilizado a entrevista narrativa (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2014), com uma única pergunta referente a trajetória dos professores e ex-alunos do CELC. Participaram da pesquisa três professores aposentados dessa escola e três ex-alunos, em conformidade com os princípios éticos de pesquisa mantemos os participantes da pesquisa em anonimato e escolhemos nomes de árvores e passaros nativos do Ceará para nomeá-los. Também foram analisados documentos relacionados as abordagens usadas pelos docentes como Diários de Classe.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As análises das narrativas evidenciaram pelos menos três momentos históricos marcantes na história curricular analisada. O primeiro relativo à escassez de recurso, um segundo com disponibilização dos livros didáticos para alunos e docentes e o último, mais recente no qual as atividades com o laboratório de Biologia foram investidas, como parte de uma política estadual. Quanto às metodologias usadas pelos professores nos anos 1990, em um contexto de recursos didáticos e financeiros escassos, as aulas de Biologia eram realizadas principalmente por meio da exposição oral, quadro-negro e giz, com aulas no laboratório mais esporádicas:

*Essa época, em 1993, nós não tínhamos o direito de adotar livro, não existia isso. Os professores mais antigos que já tinham alguma coisa de experiência nos mostravam o que era para a gente seguir, e os mais antigos é que sabiam de tudo, como sempre em qualquer lugar. E aí eu fui escutando dos que eram mais antigos, aí eu fui anotando e fui estudando, lendo, fazendo resumos do resumo, **escrevendo no quadro, apagava três vezes o quadro porque o menino não tinha livros.** (Professora Ipê-Amarelo sobre as aulas nos anos 1990, grifo nosso).*

*Eu me lembro: **como a maioria dos alunos não tinha os livros, o professor sempre colocava na lousa o conteúdo, o resumo, explicava, e aqueles alunos que tinham o livro, como a gente, ficava em equipe, em turma; a gente sempre procurava fazer as equipes e distribuir os livros por equipe, para ficar melhor o aprendizado, fazer as atividades e essas coisas, para os outros não ficarem atrás.** (Aluna Jaçanã sobre as aulas nos anos 1990, grifo nosso).*

Essas modalidades e recursos não foram abandonados, mas as aulas tornaram-se mais diversificadas após os anos 2000. Como exemplos, havia as atividades práticas no laboratório com mais frequência ou os professores usavam demonstrações com modelos escolares:

*[...] a base era essa aula expositiva, que era sustentada por uma anotação do quadro, e também dependia muito das condições do professor. Hoje eu consigo ter essa visão mais crítica, que na época eu só ficava 'puto', mas hoje eu já vejo a situação da condição precarizada, de não poder faltar, de não ter ninguém que substitua se você adoecer, então, muitas vezes, o professor ia dar aula doente; aí pronto, quando o professor estava doente, ou indisposto, ou enfrentando um problema, era aula de resolver essa exercício do livro. (Aluno Sabiá-Barranco sobre as aulas em 2011, grifo nosso).*

*As aulas mesmo eram apenas quadro e pincel. No 2º ano, teve o laboratório, que foi a maior constância, e, para o 1º e o 3º, foi bem esporádico mesmo, que foram três ou quatro vezes, como eu falei. **Naquele tempo, não tinha slides, datashow e computador.** A gente era basicamente isso. **Aí, uma vez ou outra, o professor trazia lá materiais também, como no caso da flor,** o professor trazia o modelo, um esquema, e os professores desenhavam muito bem, e no desenho as habilidades deles também ajudavam. (Aluno Bem-Ti-Vi-Rajado sobre as aulas em 2011, grifos nossos).*

Nos registros dos diários de classe, podemos perceber o sincretismo de exposições orais, debates e palestras para cerca de 40 alunos em cada sala. O excesso da exposição oral vem sendo questionado desde os anos 1930 e, no ensino de Ciências, conforme Krasilchik (1987), os movimentos reformistas dos anos 1960 e 1970 preconizavam uma orientação para métodos mais ativos na sala de aula, em especial ligados aos laboratórios escolares, com repercussões sobre o Ensino de Biologia.

Desse modo, esses depoimentos mostram o distanciamento entre a prática educativa e as proposições para a disciplina Biologia feitas por seus diferentes subgrupos (autores dos currículos estaduais, pesquisadores e professores da educação básica). Como anteriormente descrito, as propostas curriculares estaduais de 1992 já produziam a ideia de diversificação metodológica para as aulas de Biologia, o que não significa que esse hiato entre o currículo prescrito e vivenciado na escola seja reduzido à responsabilidade dos docentes, mas a todo um sistema que ajudava, e ainda ajuda, a produzir limitações pedagógicas, formativas e principalmente de condições de trabalho.

As avaliações estavam também associadas à situação explanada (geralmente exames, seminários, exercícios do LD e trabalhos de pesquisa), que, desse modo, acentuavam um ensino teórico, abstrato e voltado ao vestibular, em que consideramos parte de um contexto ligado principalmente a *tradições curriculares acadêmicas* em todo o período estudado:

*Quando eu cheguei no Liceu, eu cheguei como se fosse uma professora universitária, eu imitava os meus professores da faculdade. **As minhas aulas eram extremamente acadêmicas.** Do jeito que eu me lembrava que eles diziam lá, eu dizia no Liceu, (Professora Ipê-Amarelo sobre suas aulas nos anos 1990, grifo nosso).*

desenhos e esquemas no quadro. Esses processos também aconteciam dentro dos laboratórios de Biologia no Liceu do Ceará. A turma era dividida em dois grupos menores, metade se direcionava ao laboratório e a outra metade realizava exercícios na sala de aula.

Conforme Selles (2014), essa divisão das turmas faz parte dos mecanismos presentes na cultura escolar brasileira diante das limitações de tempo e espaço nas escolas, assim como essas estratégias usadas pelos professores são partes das tradições pedagógicas no Ensino de Biologia. Ao analisá-las, a autora sugere tensões e relações de ordem formativa entre a escola e a universidade. As disputas curriculares nas aulas de Biologia acontecem na seleção de métodos e conteúdos que dialogam ou não com o que é legitimado como apenas “biológico”, mais próximo à ciência de referência. Essas disputas podem ser percebidas inicialmente pela fala da professora, quando se identificava com um ensino mais acadêmico, o que ajudou a produzir estabilidades. Mesmo com uma proeminente estabilidade curricular, a forma como esses conteúdos eram abordados foi se alterando, na busca de relacioná-los com o dia a dia do aluno, de mostrar aspectos sociais, com menor exposição oral e mais atividades de discussão, aulas de campo, vídeos e outras práticas no laboratório:

*Os meninos olhavam para mim assim: ‘A senhora não vai dar aula hoje?’. É engraçado. Eles diziam assim: ‘Professora, e a aula?’; ‘Mas, meu filho, já estamos na aula!’. Então, era sempre assim, **a gente precisava brincar; brincar para ele era dar dinâmicas, eram as brincadeiras que as estagiárias faziam...** (Professora Ipê-Amarelo, grifo nosso).*

*As aulas de campo também serviram para montar a coleção zoológica dos laboratórios. Então, os alunos montavam junto comigo as primeiras aulas de campo; foram aulas de captura, mas aí eu pensei que talvez tivesse algum (Professor Angico, grifo nosso).*

Tais narrativas se aproximam das proposições de Goodson (2001) sobre as mudanças e características das tradições curriculares. Desse modo, há um reforço das *tradições curriculares utilitárias* quando os professores buscavam relacionar a Biologia e o cotidiano dos alunos, que se mesclavam às *tradições curriculares pedagógicas*, quando os docentes justificavam o motivo da diversidade de modalidades didáticas usadas como parte de um estímulo ao aprendizado dos estudantes ou mesmo justificavam o uso do laboratório para uma aproximação de conhecimentos teóricos e práticos. Essas tradições interagiam com a *tradição curricular acadêmica* e com seus mecanismos de manutenção, já bem estabelecidos. Dentro dessa lógica, as práticas no laboratório de Biologia se aproximam dessas tradições e podem ser consideradas um marco nas trajetórias profissionais dos professores, por propiciar a criação de novas práticas pedagógicas por esses docentes e reforçar um caráter mais prático à Biologia:



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

*Eu não tinha aula repetida; nas minhas aulas, eu sempre ficava trazendo mais coisas para o laboratório, sempre trazia mais equipamentos, mas, assim, eu criei um grupo de fósseis, trabalhava com coleção de... eu tinha herbário, eu tinha aquário, eu tinha terrário, eu tinha coleção de ofídios, eu tinha coleção zoológica completa, com todos os filós da zoologia, todos, tinha como representar; alguma coisa tinha. (Professor Angico, grifo nosso).*

Essas narrativas reforçam a ideia de que a prática docente não é um produto isolado e solitário, mas multidimensional. Esse contexto de uso dos laboratórios de Biologia foi influenciado pela construção de Laboratórios de Ciências no Ceará. Esses fizeram parte de uma política estadual, que tanto financiou esses laboratórios quanto a construção de um currículo estadual em 2009. Desse modo, não se pode refletir sobre o ensino desconsiderando contexto social, histórico e pessoal em que as práticas pedagógicas são produzidas.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A prática educativa desenvolvida no período analisado está condicionada a um movimento complexo, baseada na história pessoal dos docentes, na influência de políticas públicas que inseriram recursos didáticos nas escolas e de novos espaços pedagógicos como os laboratórios de Biologia. Ao longo do tempo, alguns dos professores foram tensionando suas próprias práticas de ensino, baseadas no excesso de aulas expositivas e de perspectivas acadêmicas. As novas abordagens, não foram desenvolvidas com abandono de práticas expositivas, o que implica em considerar que as inovações nesse contexto não são meras substituições de práticas pedagógicas.

### **REFERÊNCIAS**

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria & Educação, Porto Alegre, v. 2, p. 177-229, 1990.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa. Uberlândia: UFU, 2015.

GOODSON, I. F. As políticas de currículo e de escolarização: abordagens históricas. Petrópolis: Vozes, 2013a.

GOODSON, I. F. Currículo em mudança: estudos na construção social do currículo. Portugal: Porto, 2001.

GOODSON, I. F. Narrativas em educação: a vida e a voz dos professores. Porto: Porto, 2015

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 90-113.

MARANDINO, M.; SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S. Ensino de Biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos. São Paulo: Cortez, 2009